

Os malabarismos de uma consciência intensamente lírica

Alexandre Bonafim
UNI-Facef

Resumo: Comentários à poesia de Almandrade, com base no livro *Malabarismos das Pedras*, edições MAC, Feira de Santana-BA, 2010. Conceito acerca do eu-lírico em Almandrade, a epifania da palavra lírica. A questão do signo poético e a epifania. O mito de Sísifo como imagem da poética de Almandrade.

Palavras-chave: Almandrade, poética contemporânea, eu lírico, epifania.

A poesia de Almandrade faz-se, antes de tudo, daqueles temas essenciais da condição humana, tão preciosos para os homens do nosso tempo, distanciados da razão de existir. Uma perplexidade em constante estado de nascimento acorda, aos olhos do leitor, uma realidade múltipla e absurda. Ao lermos os textos do poeta baiano, deparamo-nos com a densidade do real e com todos os seus limites e frustrações: “cidade perplexa / embalagem hostil / inútil divertimento”. O eu lírico dos poemas de Almandrade gasta-se nas arestas do mundo, rasga-se nos ângulos dessa realidade limitada, em um viver de raríssimas possibilidades de salvação ou transcendência (encontradas, como veremos a seguir, apenas no erotismo e na epifania da palavra lírica): “O andarilho inocente / repete o caminho/ sem encontrar / uma saída”.

Esse esgotamento das possibilidades do real lembra-nos dos angustiosos labirintos Kafkianos, em que todas as direções nos encaminham, na verdade, para lugar nenhum. O mesmo clima de abafamento, de aprisionamento, entrevisto na ficção de Kafka, pode ser percebido nesses poemas de agudeza existencial. Drummondiano, sem deixar de possuir uma voz própria e peculiar, Almandrade recria, portanto, aquele clima claustrofóbico da poesia do autor itabirano, tão bem expresso pela *persona* inventada por Drummond, ou seja, o seu famoso José.

Essa é uma poesia que, antes de instaurar a segurança, desalenta-nos com as incertezas, com as dúvidas. Já na antiguidade, Sócrates alardeava a importância do questionamento, em detrimento das respostas. Pois bem, na poesia de Almandrade, temos a mesma sede de indagação, a mesma escavação feita por perguntas que não se findam, que instauram uma perpétua pesquisa do viver: Pensar é / abrir portas, / migrar / para o

desconhecido”. Em versos sucintos, verdadeiras farpas de auto-iluminação, o poeta de Malabarismos das Pedras amplia a potência do signo poético, como se a palavra funcionasse como um verdadeiro golpe a acordar o leitor de sua letargia, de seu sedimentado hábito de simplesmente estar no mundo: “Dormir,/ pode ser uma covardia / diante das circunstâncias/ e suas incertezas”. Essa vigília em perene estado de exacerbação, funciona, portanto, como um farol a desmascarar as farsas dessa nossa realidade tão estigmatizada pela mídia e pela ideologia do consumo. Ao lermos Almandrade, sublinhamos, em nosso âmagô, a força da consciência e a sua capacidade de detonar as verdades estereotipadas de nossa era pós-moderna.

Essa mesma consciência, vibrante, intensa, também vasculha a própria fuga do tempo, e a revela, sem nos poupar e sem nos iludir: “a vida quando vazia/ é um acúmulo de rugas”. Somos seres irremediavelmente efêmeros e passageiros e, diante dessa situação existencial, resta-nos somente a epifania da própria poesia, teia a nos interligar a um eterno agora (apenas retido pela memória), momento pulsante, orgiástico e, por isso, intensamente vivo mesmo em face da dissolução do existir: “as coisas retidas na memória/ acariciam a eternidade”. É dessa revelação da palavra, feita de som e fúria, que nasce um doce erotismo, um terno desvelo pelo corpo feminino: “Em silêncio/ a intimidade feminina/ acende o mistério/ que faz lembrar/ o aroma dos devaneios/ que transporta/ o fim da tarde”. Dessa forma, diante das amarras impostas pelo destino e pela realidade, nasce a iluminação do desejo, energia a latejar o corpo, a incendiar a graça de ser: “Nem mesmo/ a musicalidade dos pelos/ é maior que o apelo/ da cicatriz do nascimento”.

A poesia de Almandrade, portanto, recorda-nos o mito de Sísifo. O homem contemporâneo, acossado, muitas vezes, pelo vazio e pela alienação, típicos em um tempo de consumismo desenfreado, está condenado a rolar, em infinitas vezes, uma pedra ao topo de um monte.

Todavia, resta a esse homem, ao descer, de mãos vazias, a mesma colina, a visão pródiga de um mar, feito de intenso azul, prazer e glória a saciar-nos com o milagre da poesia: “Agora é dia, o sol queima a letra”.

Poemas de Almandrade:

A RAZÃO EM COMA

Pobres bibliotecas vazias
sem títulos e sem Borges,
O tempo, indiferente
ao jogo dos relógios,
não é mais dos livros.
O saber é um desconforto
de uma civilização
que vive ao redor do imediato
e humilha a memória.

GEOMETRIA FORA DO LUGAR

A esquina celebra
o ângulo.
Possível destino
de uma reta:
mudar de direção.
A rua possibilita
o retorno.
O andarilho inocente
repete o caminho
sem encontrar
uma saída.

CINEMA SEM IMAGENS

O vício castiga
múltiplas desventuras
estilo transitório
...
o vazio é o ócio
do homem sem memória
...
sina da indiferença
cidade perplexa
embalagem hostil
inútil divertimento.

INDIGNAÇÃO

Passatempo ordinário

...
depois a humilhação
vem o envelhecimento
o repouso é inesperado
esterilidade da emoção
provável decadência
...
enfim as incertezas.

MEDITAÇÃO 1

A terra com
suas estranhas
gargalhadas
desperta
a impossibilidade.
Uma cidade no escuro.
O futuro é poeira.
Sonho de amanhã
que o vento leva
além das margens
e dos mangues.

MEDITAÇÃO 2

O corpo encontra
a fala.
Uma pedra de sal
e uma lembrança
nas costas.
o pensamento
enfraquecido
de tanto resistir
é um líquido
derramado.

RETORNO

O sonho
arranca a verdade.
Olhar é ter
a tarde remota,
aqui.

Um sopro perdido
no meio de cálculos,
uma experiência
desafia o sonâmbulo.
Agora é dia,
o sol queima a letra.

Ainda
o mar de Homero
habita
o céu da história.
Um lance
de dados e textos,
jogo da literatura.
Pensar é
abrir portas,
migrar
para o desconhecido.
Impossível se achar
um limite.

Almandrade

Artista Plástico, Arquiteto, Poeta e
Professor de Teoria da Arte
Reside em Salvador – Ba
MALABARISMO DAS PEDRAS:
Almandrade - poemas
edições MAC - Feira de Santana -Ba.
2010
macfeira@gmail.com